Cadernos de Gênero e Tecnologia
ISSN: 2674-5704

https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt

Entre um café e um conserto: Muitos aprendizados, desafios e a vontade de fazer a diferença

Tânia Gracieli Vega Incerti
E-mail: taniag_vega@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7700-4259
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Ana Maria de Carvalho
E-mail: ana.carvalho@ifpr.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8357-4269
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

RESUMO

A partir das narrativas e contribuições de dois empreendedores de setores distintos, uma gestora de oficina mecânica e um proprietário de cafeteria, participantes do projeto "Conversando Sobre", pretendemos, neste ensaio, apresentar as conexões do fazer prático com as discussões teóricas relacionadas aos estudos de gênero, tecnologias. A priori, as atividades desenvolvidas pelo/a participante, podem não ser caracterizadas como conhecimento científico, ainda que assinale caminhos para a prestação de serviços inovadores e empáticos com o apoio ao desenvolvimento das atividades de cultivo e manufatura do café por mão de mulheres, ou de atividades/serviços fim (conserto de carros) realizado por mão de obra feminina, ambas funções rompem barreiras que historicamente foi prioritariamente desenvolvida por homens. No decorrer do ensaio, destacamos nuances daquilo que se convencionou chamar de "conhecimento científico", pode ser forjado pela afetividade e ainda assim contemplam o que classicamente se argumenta sobre tecnologias. Por fim, apontamos que o maior desafio está em subverter normas rígidas e ressignificar as formas como o/a protagonista desse 'Conversando Sobre' idealizaram seus ofícios, conquistas, saberes, sabores, bem como de germinar belas histórias de construção de vida de si e de seus e suas colaboradoras/es.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero e trabalho. Empreendedorismo. Resistência.

INTRODUÇÃO

Neste breve ensaio pretendemos dialogar a partir das contribuições de duas conversas que fogem das discussões ditas acadêmicas ou do que se difunde como conhecimento científico, todavia, além de muita afetividade, transbordam conhecimento, transbordam o que classicamente se argumenta sobre tecnologias e mostra caminhos para prestação de serviço inovador.

Nos referimos aqui a dois momentos apresentados no Projeto Conversando Sobre que possibilitaram às/aos seguidores conhecer um pouco mais do trabalho desenvolvido pela/o empreendedora/r Agda Oliver e Rafael Suzuki.

O que nos desafia a contemplar toda significação referente à forma como idealizaram seus ofícios, conquistas, saberes, sabores, bem como os desafios impostos à/ao protagonista destas belas histórias de construção de vida de si e de seus e suas colaboradoras/es.

Agda Oliver - Quebrando estereótipos em uma profissão dita masculina

Ao buscarmos em um site de pesquisa conhecer com mais profundidade a trajetória profissional de Agda Oliver, verificamos que sua atuação é evidenciada por romper barreiras ao escolher uma carreira profissional tida e vista como "masculinizada".

Agda tem 39 anos e reside em Ceilândia, DF, foi bancária por um bom tempo e ao buscar ressignificar sua atuação profissional optou pelo empreendedorismo.

Vamos ao fato: Agda ao se deparar com problemas mecânicos em seu carro, ao levá-lo em uma oficina, se sentiu ludibriada ao lhe ser cobrado por serviços e peças das quais não tinha nenhuma noção da necessidade e eficiência para resolução de seu problema. A seu ver, isso possivelmente ocorreu por ela não ter conhecimentos para questionar os possíveis diagnósticos apresentados pelos profissionais.

Infelizmente essa é mais uma das situações a que mulheres são submetidas, por preconceitos arraigados na sociedade que as limitam e a definem como péssimas motoristas e incapazes de entender as dinâmicas de um motor de automóvel.

Tendo em vista esse contexto, retomamos as reflexões trazidas por Ana Maria de Carvalho que ao realizar uma pesquisa com as mulheres motoristas de ônibus no transporte coletivo de Curitiba e Região Metropolitana (CRM), buscou analisar sob a ótica dessas trabalhadoras, as dinâmicas para atuação profissional, referente às condições de acesso e permanência e os desafios enfrentados para o exercício da profissão. De início salta aos olhos a disparidade entre os/as profissionais, que no ano de 2015, apresentava apenas 83 mulheres exercendo a profissão em um universo de 4.059 motoristas masculinos.

A aproximação com a realidade e vivência dessas mulheres ocorreu por meio dos relatos de 20 participantes na pesquisa que trouxeram elementos para essa análise, demonstrando proximidade com a experiência de outras trabalhadoras de qualquer área em que o exercício profissional ocorra em campo ocupado majoritariamente por homens.

Dentre os achados da pesquisa, considerou-se: - a culpabilização das mulheres por estarem em menor número na profissão, ao mesmo tempo, que assumem uma postura meritocrática que basta ter coragem e garra para alcançar um determinado posto; - necessidade de comprovar extrema habilidade para ser aceita pelos pares; - a delegação para elas de tarefas menos "nobres" para realizar,

no caso das mulheres motoristas de ônibus, trabalhar nos itinerários mais difíceis (linhas ruins); - relatos sobre situações em que o preconceito é concretizado por meio de 'piadinhas'.

A predominância de homens exercendo a função de motoristas de ônibus na CRM, ou de mecânicos, no caso da oficina mecânica proposta por Agda Oliver, ainda é caracterizada por estereótipos de gênero presentes em nossa sociedade. O rompimento disso se faz importante para desconstruir padrões e tabus com relação à direção de veículos ou conhecimentos de seu funcionamento.

No que se refere às mulheres motoristas e em especial as que conduzem os veículos de grande porte, mesmo aptas por especialização e habilitação na categoria D ou E, são frequentemente afetadas pelo velho ditado ''mulher no volante perigo constante" cujo simbolismo ainda reflete no desempenho da profissão das motoristas de ônibus. Houve alguns relatos da incidência de usuários/as do transporte coletivo que tentam desqualificá-las, fator que também se manifesta entre os pares (motoristas masculinos) e incide inclusive nos processos de seleção, evidenciando as dificuldades enfrentadas para contratação e permanência na profissão.

Fatos semelhantes atravessam o cotidiano de trabalho desenvolvido pelas mulheres mecânicas os quais são superados diariamente pela quebra destes estereótipos, o que é demonstrado pelo contentamento de suas clientes, as quais Agda Oliver relata serem importantes divulgadoras deste segmento de trabalho, inclusive pela propaganda 'boca a boca'.

As situações cotidianamente enfrentadas remetem às reproduções sociais vigentes nas relações entre gênero proveniente das determinações que tentam cristalizar as relações sociais de poder por meio da divisão sexual do trabalho que tem por base a desvalorização e a falta de reconhecimento do potencial das mulheres na execução de qualquer tipo de trabalho.

Dentre as representações acerca de mulheres trabalhando como motoristas de ônibus e/ou como mecânicas, profissões marcadas pela visão dicotômica e estereotipada de gênero, essas profissões se enquadram no grupo de carreiras denominadas por Danièle Kergoat (2002, p. 52), um "[...] universo construído historicamente por e para os homens, estando as mulheres por muito tempo, afastadas desta ocupação''.

Não obstante, tanto a inserção quanto à permanência das motoristas de ônibus, nessa profissão marcada por contradições, as participantes enfatizam igualdade de capacidade na condução dos veículos, diferenciais de conduta perante os/as usuários/as do serviço e o bom desempenho no exercício profissional.

A respeito da receptividade pelos/as usuários/as do transporte, que são os destinatários/as do transporte coletivo, todas as entrevistadas destacaram que o diferencial da atuação profissional, é por eles reconhecido. Muitos são os elogios e a preferência pela condução dos ônibus por elas, embora não escapem algumas situações que coloquem em dúvida a capacidade de conduzir ônibus, motivadas por discriminação. Situações essas também relatadas por Agda no decorrer de seu trabalho na oficina mecânica.

Daí a importância de mulheres que precedem em profissões marcadas pelo predomínio masculino no desenvolvimento profissional. Visto que entre as mulheres motoristas e as profissionais da mecânica, constatou-se a importância em se ter modelos femininos que as inspirem para a busca de capacitação profissional e inserção nesses campos de trabalho. Essa percepção converge com

o argumento de Lea Velho e Elena León (1998) acerca da importância da representatividade para a percepção de que são carreiras possíveis para as mulheres.

No desenvolvimento do trabalho das motoristas e também mencionado por Agda, a questão do cuidado para a condução e manutenção dos veículos, também foi posto como um referencial que as diferencia no exercício profissional. O que, para a pesquisadora Marilia Pinto de Carvalho (1999, p. 66) não deve ser naturalizado vez que, as ações denominadas de 'cuidado' são frutos de construções históricas de acordo com cada tempo e espaço e para evidenciar as variadas formas que se articulam ao trabalho, nesse sentido vem "[...] destacar que essas práticas não fazem parte da essência de uma pretensa feminilidade, da natureza da maternidade ou de necessidades intrínsecas [...]".

Para a autora, ao se relacionar um trabalho com o cuidado acaba por descaracterizá-lo como parte intrínseca de qualquer atividade profissional, desta forma recomenda o reconhecimento do cuidado enquanto qualificação necessária para o exercício profissional, vez que o cuidado não é instintivo e as mulheres não são necessariamente maternais.

Outro ponto importante a ser refletido são situações em que as profissionais se utilizam de estratégias para relevar ou ficar indiferente às investidas discriminatórias como forma de não se indispor no trabalho. Outrossim demonstram ter, na atuação profissional, a igualdade de capacidade para condução dos veículos e bem desempenhar a profissão. Para tal compartilhamos do pensamento de Betina Stefanello Lima (2013) sobre a existência do labirinto de cristal, que representa as dificuldades e obstáculos enfrentados pelas mulheres no exercício profissional, uma vez que se assemelham com paredes transparentes que passam despercebidos pela maioria das pessoas, mas que são fortemente sentidos pelas mulheres, de modo especial quando adentram em profissões predominantemente masculinas.

Em decorrência do posicionamentos das mulheres motoristas participantes da pesquisa 'Mulheres Condutoras de Ônibus: tabus, conquistas e desafios', Carvalho (2018, p. 298) conclui que ainda se faz presente no cotidiano dessas trabalhadoras ocorrências "que em virtude da produção dos estereótipos dicotomizados de gênero, persistem práticas no cotidiano do trabalho, que mesmo de forma velada, subestimam sua capacidade profissional e sugerem que a direção de um ônibus, não lhes seja adequada e que lhe caia melhor a operação de um fogão ou máquina de lavar"

Está intrínseco no universo feminino o histórico de limitações que começa desde a infância na vida das mulheres que usualmente são presenteadas de forma diferente dos meninos. Para as meninas dificilmente os carrinhos fazem parte do rol de brinquedos que lhe são dados e destinados nas lojas infantis. Essa ação entendida como natural é um dos fundamentos para construção de papéis sociais diferenciados e hierarquizados entre homens e mulheres. Construções que permanecem arraigadas em nossa sociedade e têm reflexos nas suas vidas pessoais e profissionais. Quando as mulheres optam por campos profissionais socialmente informados e associados às características ditas masculinas, constantemente são questionadas e testadas em suas capacidades.

Essa situação foi observada por Tânia Gracieli Vega Incerti (2017) ao realizar sua pesquisa de Mestrado que tinha por participantes estudantes de ensino médio do curso Técnico em Mecânica de uma instituição federal. Uma das entrevistadas, única mulher na turma, relatou um episódio vivenciado por ela em que, em uma

determinada disciplina que envolvia motor de carro, foi solicitado pelo professor que se fizesse trabalho coletivo, todavia ninguém a escolheu. A estudante realizou o trabalho sozinha, tendo êxito em sua conclusão. Nessa situação mencionada é visível a exclusão vivenciada pelas estudantes que se encontram em um espaço hostil, composto majoritariamente por homens e constantemente são questionadas quanto à sua capacidade e necessitam sempre se "superar". A fala da estudante converge ao argumento de Carla Giovana Cabral e Walter Antonio Bazzo, (2005, p. 7, grifos do/a autor/a) que ao analisarem carreiras científicas e tecnológicas, afirmam que "Comportamentos de exclusão geralmente 'insignificantes', que passam inadvertidos, mas criam, ao se acumularem, um clima hostil que dissuade (afastam) as mulheres a ingressar ou permanecer nas carreiras científicas e tecnológicas".

Todavia, para além dos desafios, a resistência e uma "certa vocação" impulsionam determinadas mulheres a persistir em busca de uma profissionalização ou de uma carreira nesses espaços nem sempre receptivos a sua entrada. Agda é um exemplo dessa persistência.

Como comentamos, sentir-se ludibriada por profissionais pouco éticos e sem empatia foi o fato motivador para que Agda abandonasse a profissão como bancária e resolvesse estudar mecânica de automóveis. Após muito conhecimento, capacitação profissional, investimento e uma dose de ousadia, ela montou uma oficina que, como forma de resistência, tem o nome de "Meu Mecânico".

A ideia inicial de Agda era que sua oficina se tornasse especializada no atendimento às mulheres e assim ela o fez. Como ela mesma nos disse durante a conversa:

> Nossa honestidade, a nossa ética, infelizmente é um diferencial não deveria ser, é obrigação de qualquer lugar que fornece serviços ou produtos, mas infelizmente é um diferencial e o fato de sermos uma oficina mecânica para mulheres e temos mulheres trabalhando. Temos mulheres mecânicas, a gente tem esse contato mais próximo com a mulher (cliente), a gente conversa numa linguagem mais prática para ela entender o que que tá sendo feito no carro dela, então a gente tem um cuidado. (...) (Oliver, 2020)

As motivações almejadas para a oficina "Meu Mecânico" continham nos pré-requisitos, oferecer às clientes, procedimentos similares aos realizados por empresas 'autorizadas' de grande porte, que são as referências de grandes montadoras de veículos, onde é praxe se recorrer aos manuais originais dos veículos a serem supervisionados. O tipo de prestação de serviços proposto por Agda inclui "apresentar para suas/seus clientes as peças que foram trocadas em seu carro e oferecer um acompanhamento pós-venda". (OLIVER, 2020)

O diferencial de trabalho oferecido à sua clientela apresenta como missão criar uma rede de relacionamentos, a qual Agda relatou ser um grande chamativo "relacionamento que a gente cria, eu acho que esse nosso relacionamento é o nosso diferencial" (Oliver, 2020)

Ao relatar as principais dificuldades encontradas para se inserir e se manter na área de mecânica, Agda lembrou da objetificação do corpo das mulheres utilizada como estratégia de marketing pela indústria automobilística que se concretizava, nas oficinas mecânicas, com a exposição de imagens de mulheres seminuas, as quais eram usadas para "enfeitar" as paredes desses locais com

propagandas de carros. Simbologias estas desconstruídas com sucesso por Agda pois, ao invés de sua clientela se deparar com fotos de mulheres em poster pelas paredes da oficina, encontrou mulheres profissionais em mecânica automobilística no chão da oficina desenvolvendo o trabalho na recepção, na organização e na prestação de serviços.

Consolidar-se como mecânica e como gestora em um espaço tão masculinizado foi um processo permeado por desafios, dificuldades e resistências. Conforme Agda destaca: “minha maior dificuldade assim é o preconceito e mostrar para as pessoas que eu podia fazer aquela profissão sendo mulher. Eu acho que foi a minha maior dificuldade e ainda é a minha maior dificuldade.”

Sobressaindo-se às dificuldades, Agda hoje é reconhecida por seu trabalho inovador na área. Ela é a única brasileira a concorrer a um prêmio no Seminário Empretec, um programa da Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento que tem o objetivo de promover a criação de pequenas e médias empresas que têm por características a sustentabilidade, a inovação e que são internacionalmente competitivas. Ressaltamos a entusiasmada fala de Agda sobre esse reconhecimento. Vejamos:

> (...) eu sou a única brasileira representando esse prêmio agora né aí, eu concorrendo a 40 países. (...) Estou entre os dez países concorrendo a esse prêmio e é muito gratificante assim, esse reconhecimento é muito gratificante. Estar entre os 10, entre as 10, na verdade porque são só mulheres empreendedoras. Esse seminário Empretec é o SEBRAE e nos outros países e cada um tem a sua representatividade (...) então assim, é uma honra muito grande estar representando o Brasil nisso. E eu tô muito feliz. Me trouxe vários resultados positivos e eu já me sinto assim uma vencedora, sabe, que está concorrendo ao prêmio internacional. Quando eu abri o “Meu mecânico'', eu não sonhava com isso. Eu lembro que a minha visão era ter uma oficina líder aqui na minha cidade, na cidade Ceilândia. Mas eu ainda não tinha a visão de que eu podia conquistar Brasília, eu não tinha essa visão, até quando Brasília inteira começou a me reconhecer e começou a passar para fora.

Além do espírito empreendedor, com um viés de acolhimento e atendimento a outras mulheres, Agda oferece cursos rápidos de mecânica para que essas possam conhecer seus automóveis e minimizem o risco de situações em que sejam ludibriadas por profissionais pouco éticos, tal como vivenciado por ela.

Rafael Suzuki - Sonhos, cafés e resistências

Rafael Suzuki é um jovem rapaz de Curitiba- Pr, já realizou trabalhos na área da gastronomia no Japão como em diferentes cidades brasileiras. Em muitos lugares em que trabalhava, observava a pouca importância que se dava a todo o processo que envolve a cadeia alimentar e foi a partir da cultura japonesa e do cuidado que se tinha com os produtos e produtores que ele passou a se questionar sobre isso. Como destaca Rafael, nesse ramo, é fundamental “você saber de onde vem o alimento que você tá consumindo (...) perceber o quanto a cadeia produtiva dos alimentos influenciam na vida das pessoas.”

Apesar de ele colocar que isso é fundamental, essa nem sempre é uma prática comum de restaurantes ou outros lugares que trabalham no ramo alimentício, a exemplo citamos as grandes redes de fast foods que ao servirem lanches e cafés

industrializados, não sem comprometem com o valor nutricional e comercializam produtos altamente gordurosos e calóricos. E nós consumidores/as não temos a menor ideia de como a matéria prima é produzida ou quem são as pessoas que fornecem esses produtos. O que podemos afirmar, sem medo de cometer um grande equívoco, é que dificilmente sejam provenientes de pequenos produtores.

É com o propósito de termos a consciência da cadeia produtiva que envolve os alimentos e bebidas, que ultrapassa os objetivos de ser só mais um café em Curitiba, que Rafael juntamente com Fabíola Jungles, Fernando de Liz, Bruno Goy, Fábio Meger e Guilherme Penteado abriram o Manifesto Café. Um lugar pitoresco, localizado próximo à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, na área central de Curitiba. Ali se oferta cafés especiais e deliciosos lanches. O espaço disponível para consumo propicia a participação dos/as consumidores/as em todos os processos, desde a torra, até o café ser servido. O consumidor é autônomo para pegar seu produto e após o consumo ele participa deixando as louças no balcão.

Ao expor esses detalhes, Rafael Suzuki lembrou que esse ato, por mais simples que possa parecer, traz consigo importantes reflexões especialmente sobre o tratamento, muitas vezes desrespeitoso e de servidão, com que as pessoas que trabalham com alimentação são tratadas pelos clientes. Nesse sentido, lembramos da ideologia pequeno burguesa e colonial que ainda é hegemônica, em que o desrespeito e a ideia de que as pessoas estão no mundo para servir é algo a ser tensionado com essas pequenas atitudes.

Como diferencial dos muitos cafés existentes na cidade, o Manifesto Café, agrega o cuidado com os produtos que serão colocados para consumo, priorizando a matéria prima principalmente de pequenas produtoras que se dedicam ao plantio e cultivo de café. Tudo isso permeado por um posicionamento político “que a gente tem uma relação humana dentro do Manifesto que tenta sempre valorizar as relações humanas de tudo que entra lá” (Suzuki, 2020).

A ideia de priorizar os produtos oriundos de pequenas produtoras, além de uma possibilidade comercial, é incentivar o empoderamento feminino, pois essa ainda é uma das áreas que apresentam desafios às mulheres. Conforme exemplificado por Rafael, uma de suas fornecedoras, para inscrever o café que ela produz em um concurso de melhores cafés teve que usar o nome do seu pai na marca, do contrário, não teria prestígio e não seria aceita pelo mercado.

Não nos esqueçamos também que esse posicionamento político é um ato de resistência contra os grandes produtores de café que perduram no mercado até hoje e que no período de colonização do Brasil promoveram atos terríveis de violência e escravização. Nesse sentido, associamos a prática do Manifesto Café a tese defendida por André Luis de Oliveira Mendonça (2019, p. 22) “da necessidade de irmos, enquanto latino-americanos, em direção à descolonização de PAS (Pensar, Agir e Ser)”.

O café, uma bebida tão apreciados por muitas pessoas, guarda em sua história, exploração de mão de obra, produção e comercialização realizada por grandes produtores e é ainda, uma característica econômica predominante em algumas regiões do Brasil. Conforme Marcelo Bregagnoli (2014), o café é um tipo de produto que possui cotação e condição negocial. O que se denomina no mundo da economia como uma commodity, ou seja, uma mercadoria que pode ser comercializada no mercado interno ou servindo à exportação. Seu valor é sujeito a diversas variações e especulações. Variações cambiais, previsões e interpretações sobre a produção, condições climáticas, crises econômicas, influenciam intensamente no valor do produto para comercialização.

O cenário ora apresentado acerca do valor estrutural atribuído ao café por grandes produtores, investidores, etc., se apresenta como um dos desafios e diferencial de alguém como Rafael Suzuki que demarca sua permanência no ramo de prestação de serviços dentro de uma lógica que prioriza a disponibilização de um produto orgânico, proveniente do cultivo de pequenas produtoras, onde o resultado e satisfação pelo produto oferecido é compartilhado com todos/as envolvidos/as na prestação do serviço final.

As formas em que ocorrem as relações de compra de insumos, optando-se por pequenas produtoras, a proposta diferenciada de oferta dos serviços, bem como o posicionamento imbricado na concepção do Manifesto Café, pode-o associar a um tipo de economia alternativa, ou como preferimos qualificar, uma economia de resistência. Em meio ao sistema capitalista, em que a máxima é a degradação do meio ambiente, a exploração de mão de obra em função do lucro, manter-se com uma proposta que prima pelo bem-comum daqueles/as que subsistem com a venda do café, seja ele matéria prima ou produto final, bem como se preocupar com a qualidade do produto, mantendo um preço acessível é um ato de resistência.

Duas histórias distintas com muitas conexões: desafios e resistências

Mas afinal, o que a história de Rafael e Agda tem em comum? Apesar de estarem em ramos comerciais distintos, as duas histórias se conectam em alguns elementos. Dentre esses citamos: atuar em empreendimentos marcados por hegemonias em suas várias nuances; resistir ao mercado cafeeiro e protagonizar uma rede colaborativa com a participação de pequenas produtoras; desbravar um campo de trabalho que outrora teve composição majoritária masculina. Ambos os projetos de trabalho, cujas ideias propostas pela/o protagonista, Agda e Rafael, tinham por fim uma mudança para além de suas vidas pessoais, queriam ambos fazer a diferença em áreas que vislumbraram a possibilidade de não ser mais um/a entre os “mesmos” serviços ofertados.

As histórias contadas inspiram e mostram caminhos para se romper com estereótipos, e possibilitam pensar na oferta de serviços com outros valores agregados, além da lucratividade. É possível sentir nessas histórias a busca pela empatia e afeto na relação com todas as pessoas envolvidas (fornecedores/as, colaboradores/as, clientes) na prestação de serviços oferecidos por Rafael e Agda.

Between a coffee and a repair: Many lessons learned, challenges, and the desire to make a difference.

ABSTRACT

Drawing on the narratives and contributions of two entrepreneurs from distinct sectors—an auto repair shop manager and a coffee shop owner participating in the "Conversando Sobre" (Talking About) project—this essay explores the connections between practical work and theoretical discussions regarding gender studies and technology. At first glance, the activities carried out by these participants might not be classified as "scientific knowledge," yet they point toward innovative, empathetic service delivery—whether supporting women-led coffee cultivation and production or female-led auto repair services. Both roles break down barriers in fields historically dominated by men. Throughout the essay, we highlight nuances of what is conventionally termed "scientific knowledge," showing how it can be shaped by affectivity, while also addressing classical arguments regarding technology. Finally, we identify the greatest challenge: subverting rigid norms and reframing how the protagonists of "Conversando Sobre" envision their trades, achievements, expertise, and flavors, while also fostering beautiful stories of how they—and their employees—build their lives.

KEYWORDS: Gender and work. Entrepreneurship. Resistance.

Entre un café y una reparación: muchas lecciones aprendidas, desafíos afrontados y el deseo de marcar la diferencia

RESUMEN

Basándose en las narrativas y contribuciones de dos emprendedoras de distintos sectores —una gerente de taller mecánico y la dueña de una cafetería—, participantes del proyecto «Conversando Sobre», este ensayo busca presentar las conexiones entre el trabajo práctico y las discusiones teóricas relacionadas con los estudios de género y la tecnología. A priori, las actividades desarrolladas por las participantes no pueden considerarse conocimiento científico, aunque apuntan a caminos para brindar servicios innovadores y empáticos al apoyar el desarrollo del cultivo y la producción de café por parte de mujeres, o actividades/servicios de uso final (reparación de automóviles) realizados por mujeres. Ambas funciones rompen barreras que históricamente han sido desarrolladas principalmente por hombres. A lo largo del ensayo, resaltamos los matices de lo que convencionalmente se denomina «conocimiento científico», que puede forjarse a través de la afectividad y aun así abarcar lo que clásicamente se argumenta sobre la tecnología. Finalmente, destacamos que el mayor desafío reside en subvertir normas rígidas y reinterpretar la forma en que los protagonistas de este «Diálogo» concibieron su trabajo, logros, conocimientos y experiencias, así como en generar historias inspiradoras de construcción de vida para sí mismos y sus colaboradores.

PALABRAS CLAVE: Género y trabajo. Emprendimiento. Resistencia.

REFERÊNCIAS

BREGAGNOLI, Marcelo**.** O agronegócio do "café com leite" no Sul de Minas Gerais. In: ORLANDI, Eni P. (org). **Linguagem, sociedade, políticas.** Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, (Coleção Linguagem & Sociedade)2014. 230p.

CABRAL, Carla Giovana; BAZZO, Walter Antonio. As mulheres nas escolas de engenharia brasileiras: história, educação e futuro. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 24, n. 1, 2005, p. 3-9.

CARVALHO, Ana Maria de. **Mulheres condutoras de ônibus**: tabus, conquistas e desafios. 2017. Dissertação (Mestrado em tecnologia e sociedade) – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2017.

CARVALHO, Ana Maria; CASAGRANDE, Lindamir Salete**.** Mulheres motoristas de ônibus: o que se sabe sobre elas? **R. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 16, n. 39, p. 281-294, jan/mar. 2020. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/9198. Acesso em: 24 de abril de 2021.

CARVALHO, Marília Gomes de. A dicotomia masculino x feminino na construção do gênero e suas implicações sociais. In: COVOLAN, Nadia Terezinha; OLIVEIRA, Daniel Canavese de (Orgs). **Educação & diversidade**: a questão de gênero e suas múltiplas expressões. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015.

INCERTI, Tânia Gracieli Vega. **Brincadeiras persistentes, desigualdades de gênero presentes**: Relações de gênero na educação profissional e tecnológica, uma análise a partir da percepção de estudantes do IFPR- Campus Curitiba. 2017. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. **Pro-Posições.** V. 13, N. 1 (37), Jan/abr. 2002. Tradução de Alain François. Disponível em https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2125/37-dossie-kergoatd.pdf. Acesso em 26/04/2021. 2017.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física**.** **Revista de Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set./dez. 2013.

MENDONÇA, André Luis de Oliveira. Dieta anticolonialista à base das nossas raízes: miúdos metafísicos europeus e enlatados pragmáticos americanos fazem mal à saúde. Especiaria - **Caderno de Ciências Humanas**. v19, n.34, jan/jun. 2019.

VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, 10, 1998.

DOI: 10.3895/cgt.v18n50/51.22665.
Como citar: INCERTI, Tânia Gracieli Veja; CARVALHO, Ana Maria de. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 18, n. 50/51, p. 1-12, jan./dez. 2025. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt. Acesso em: XXX.
Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.